

14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

Pesquisas em Tipografia no Brasil: uma rede possível

PIAIA, Jade Samara; Doutora; Universidade de São Paulo

jadepiaia@usp.br

FARIAS, Priscila Lena; Doutora; Universidade de São Paulo

prifarias@usp.br

MARTINS, Fernanda; Doutora; Pesquisadora independente

fernandaforminform@gmail.com

CUNHA LIMA, Edna; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco

ednacunhalima@gmail.com

Esta conversação visou identificar e conectar pesquisadores da área de tipografia no Brasil. O principal objetivo foi compartilhar informações sobre grupos e linhas de pesquisa que tangenciam questões envolvendo a pesquisa na área de tipografia e cultura da impressão em sentido amplo, envolvendo práticas manuais e mecânicas de produção e reprodução da linguagem verbal. Justificou-se pela pouca articulação observada neste campo de pesquisa a nível nacional. A conversação envolveu pesquisadores de 19 instituições, localizadas em 11 estados brasileiros, identificando 10 laboratórios de pesquisa, 13 pesquisadores independentes, 10 oficinas tipográficas e quatro espaços expositivos. A partir da identificação e mapeamento de pesquisadores e instituições, bem como dos principais temas e abordagens, obteve-se uma contribuição para a ampliação do conhecimento das pesquisas existentes na área para além das fronteiras regionais, democratizando estas informações com a sociedade e fomentando novos debates.

Palavras-chave: Tipografia; Cultura visual; Cultura da impressão.

1 Apresentação do tema

O uso do termo *tipografia* nesta conversação considerou seu sentido amplo, segundo Farias (2016), que entende a tipografia como um rico campo de estudos que faz parte da cultura visual e da cultura de impressão, levando em conta os aspectos históricos e práticos da confecção e uso de caracteres em processos manuais como caligrafia e letreiramento, além dos processos automatizados e mecânicos característicos da tipografia em sentido estrito. Isso inclui investigações sobre oficinas tipográficas e litográficas, impressores, letristas, produção e uso de tipos móveis –incluindo aqui tipos de metal, madeira, plástico, vinhetas, ornamentos e clichês.

As últimas décadas do século XX assinalaram mudanças radicais na indústria gráfica brasileira, com a adoção definitiva dos processos de impressão offset e da composição eletrônica dos textos. Com isso, os cursos de design gráfico e comunicação visual passaram a se informatizar, ao mesmo tempo em que algumas editoras universitárias disponibilizaram suas oficinas tipográficas, agora obsoletas, para uso didático. Amadurecendo estas instituições, começam a ser oferecidos, nas décadas seguintes, mestrados e doutorados na área de design, fomentando a pesquisa na área.

Assim, disciplinas de tipografia e design de tipos passaram a integrar o currículo de cursos de design, e a pesquisa no campo amadureceu. O interesse pela tipografia teve, portanto, uma origem dupla: de um lado, o acesso a prensas antigas e tipos móveis, e, do outro, a programas cada vez mais profissionais para o design de fontes tipográficas.

Com relação à pesquisa voltada a livros e impressos efêmeros, como jornais e revistas, coube aos designers observarem a forma do texto e o uso das fontes tipográficas. Como eram fabricados e distribuídos os tipos móveis, a organização e ocorrência das oficinas tipográficas e litográficas, como anunciam seus produtos, os técnicos que atuavam nesse meio e aqueles que eventualmente atuavam de forma similar aos atuais designers, têm sido alguns dos temas que compõem o quadro de pesquisas sobre a tipografia no Brasil.

A pesquisa ampliou seu âmbito, observando as inclusões de textos nos muros e placas da cidade, nos barcos e veículos, cuja tipografia se desenvolve em bases diferentes do impresso convencional, sendo antes pintadas que impressas. Os pesquisadores se debruçaram também nos impressos litografados, que apresentam formas livres de tipografia, seguindo suas próprias convenções.

Ao mesmo tempo, designers brasileiros passaram a ter condições para criar suas próprias fontes tipográficas digitais. Problemas específicos desta área como ensino de caligrafia e do design de tipos, o design de fontes para o ensino infantil são exemplos de áreas de pesquisa que descendem da informatização da tipografia no país.

2 Justificativa e relevância

Considerando-se o contexto da institucionalização do ensino do Design no Brasil, que se inaugura tardivamente no início da década de 1960, é possível afirmar que o ensino e a pesquisa na área da tipografia é ainda mais recente. O ensino da tipografia era incluído em outras disciplinas, tais como projeto, por exemplo. Este cenário vem se alterando rapidamente, tendo sido incluído nas grades curriculares de universidades de todo país. Gomes (2010) em sua

pesquisa afirma que “do total de 102 cursos de bacharelado em design com habilitação em programação visual existentes no Brasil, em no mínimo 11.7% é dada uma grande ênfase aos estudos tipográficos.” O pesquisador também esclarece que em ao menos 20.6%, isto é, 21 cursos, existia alguma iniciativa de design de tipos na grade curricular, em disciplinas optativas ou obrigatórias. Importante notar que dentre o total de 102 cursos, foram encontrados por Gomes (2010) 46 na região Sudeste, 34 na região Sul, 10 na região Nordeste, 6 na região Norte e 6 na região Centro-Oeste.

O crescimento de cursos de design com disciplinas voltadas ao ensino tipográfico nos dão pistas do crescimento das pesquisas neste campo. Entretanto, carecemos de informações reunidas sobre tais pesquisas e uma maior sinergia entre os pesquisadores.

Neste sentido, algumas perguntas se apresentam: Quais são os grupos e linhas de pesquisa que abordam tipografia no Brasil, em sentido amplo? Quais são os níveis de pesquisadores envolvidos (estudantes de graduação, mestrado, doutorado, pesquisadores de pós-doutorado, docentes ou independentes)? Essas pesquisas e pesquisadores são vinculados a quais cursos superiores (Design, História, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação, Jornalismo, outros), e em quais universidades?

No intuito de responder essas questões, foi realizada uma busca no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil nas bases de dados do CNPq¹, pelo termo “tipografia” –por linhas de pesquisa e grupos de pesquisa, incluindo a busca por palavras-chave. O levantamento resultou em 25 linhas de pesquisa vinculadas a grupos de pesquisa sediados em quatorze instituições localizadas em onze estados brasileiros. As instituições que com maior concentração de linhas de pesquisa, de acordo com a busca, eram a Universidade Federal de Pernambuco, com 5 linhas de pesquisa); a Universidade Estadual de Minas Gerais, com 4 e as Universidade de São Paulo, Federal do Espírito Santo, Federal de Minas Gerais e Federal de Santa Catarina, cada uma delas com 2 linhas de pesquisa. Os grupos de pesquisa identificados neste levantamento estão relacionados com temáticas do design, tais como materialidade e linguagens, teoria e história, design da informação, mas também incluem desenho e produção de letras, estudos e cultura da impressão, estudos e cultura da escrita e literatura.

¹ A busca foi realizada em junho de 2022. O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq pode ser consultado em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>.

Quantidade de linhas de pesquisa por instituição

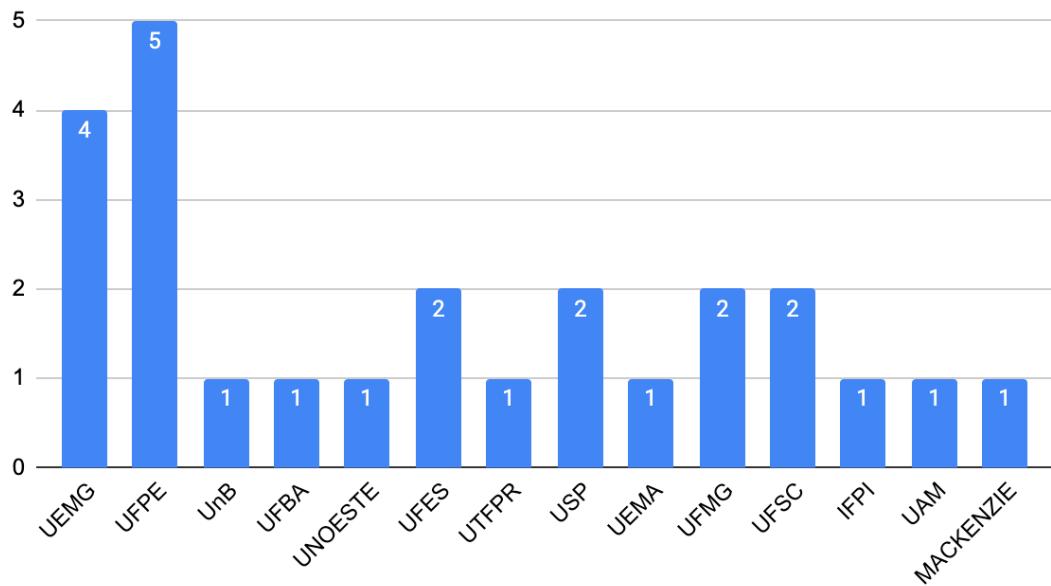


Figura 1: Linhas de pesquisa que incluem a palavra “tipografia” em seu título ou descrição, por instituição de ensino. Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, CNPq, junho de 2022.

O levantamento trouxe dados iniciais importantes, mas certamente há pesquisadores não cadastrados nesta base de dados do CNPq. Os pesquisadores independentes, por exemplo, sem vínculo com instituições, não aparecem nessas buscas. Consideramos que poderia ainda haver outras linhas de pesquisa envolvendo pesquisas relacionadas à temática da tipografia em sentido amplo não identificadas nas buscas por não incluírem o termo em seu título, descrição, ou palavras-chave.

Estimamos que, ao incluir este tópico na conversação, o público poderia compartilhar informações sobre as pesquisas em andamento e suas experiências. Outras questões que a conversação buscou começar a elucidar foram:

- Quais e quantos são os pesquisadores envolvidos com pesquisas de cunho histórico sobre a trajetória de impressores? Quais períodos e quais regiões geográficas abordam? Quais personagens históricos revelam? Quais as principais questões que emergem desses contextos locais?
- Quais enfoques de pesquisas em memória gráfica tangenciam ao tema das oficinas tipográficas e da impressão com tipos móveis? Quais tipos de publicações vem sendo reveladas e examinadas?
- Quais lidam com estudo sobre letreiramento em impressos, reproduzidos através de litografia, ou inserido na paisagem urbana?
- Quais são as pesquisas existentes que abordam repertórios tipográficos, a fabricação ou importação de tipos, seu uso e classificações?
- Quais pesquisas abordam o desenho e a produção de letras, ou o design de tipos, em contextos contemporâneos?

Estas questões nortearam a conversação com os participantes a fim de um melhor aproveitamento da dinâmica proposta e um direcionamento para a criação de uma possível

rede de conexão entre esses pesquisadores que certamente beneficiará a pesquisa na área e a sociedade.

3 Objetivos da conversação

Objetivo geral:

O principal objetivo foi compartilhar informações sobre os grupos e linhas de pesquisa existentes e ativas que abordam questões relacionadas à tipografia e a cultura da impressão em sentido amplo (isto é, envolvendo práticas manuais e mecânicas de produção e reprodução da linguagem verbal).

Objetivos específicos:

- Identificar e mapear pesquisadores, grupos de pesquisas e instituições.
- Identificar os principais temas e abordagens de pesquisa.

4 Descrição da atividade

Após a apresentação da proposta de conversação e das organizadoras, a conversação se deu de modo horizontal: cada proponente apresentou um breve histórico de suas pesquisas e interesses. A proposta contou com mais de 80 inscritos e a participação efetiva de 38 pesquisadores.

Os participantes eram pesquisadores com titulação acadêmica concluída ou em andamento, entre eles dezenas doutores e oito mestres, quatro destes com pesquisas de doutorado em andamento e outros cinco com pesquisas de mestrado em andamento. Cinco dos participantes possuíam graduação completa e outros três estavam cursando a graduação.

Solicitou-se aos inscritos na conversação que prenchessem previamente um formulário estruturado com questões relacionadas às suas pesquisas. O formulário permitiu a obtenção de informações sobre os grupos de pesquisa, as instituições às quais esses grupos estão vinculados, e os pesquisadores independentes, incluindo dados sobre os temas das pesquisas e pesquisadores, incluindo informações de contato e *links* para informações sobre os grupos e instituições.

Solicitou-se também que incluíssem, em um mapa previamente preparado na plataforma MyMaps do Google, informações sobre instituições de ensino e pesquisa de tipografia, laboratórios ligados ao tema, pesquisadores independentes, oficinas tipográficas independentes ou ligadas à instituições, museus e acervos, públicos e particulares.

Desta forma, após a apresentação de todos e de curta discussão sobre os objetivos da conversação, o mapeamento foi iniciado durante a conversação e continuou sendo preenchido por pesquisadores que não puderam participar da atividade naquele momento. O mapa pode ser acessado através deste link:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=18n-vUhrFoV051qG5tXRxNy7ThT7kEPg &usp=sharing>.

A dinâmica contou com o recurso de lousa interativa da plataforma, apresentando a dinâmica da conversação, com lousas abertas para apontamentos ligados ao tema de pesquisa e possibilidades futuras de pesquisa e colaboração.

5 Resultados obtidos

O primeiro resultado positivo da conversação foi permitir aos participantes conhecer pesquisadores de outros territórios, suas experiências e áreas de pesquisa, abrindo a possibilidade de novas parcerias.

O formulário foi respondido por 34 pesquisadores dos seguintes estados: Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. As instituições de vínculo destes pesquisadores eram: Universidade Estadual do Maranhão, Escola Superior de Desenho Industrial - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Vale do Rio Doce, Instituto Federal de Santa Catarina, Centro Universitário Senac São Paulo, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Universidade Estadual de São Paulo, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade do Estado do Amazonas, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima.

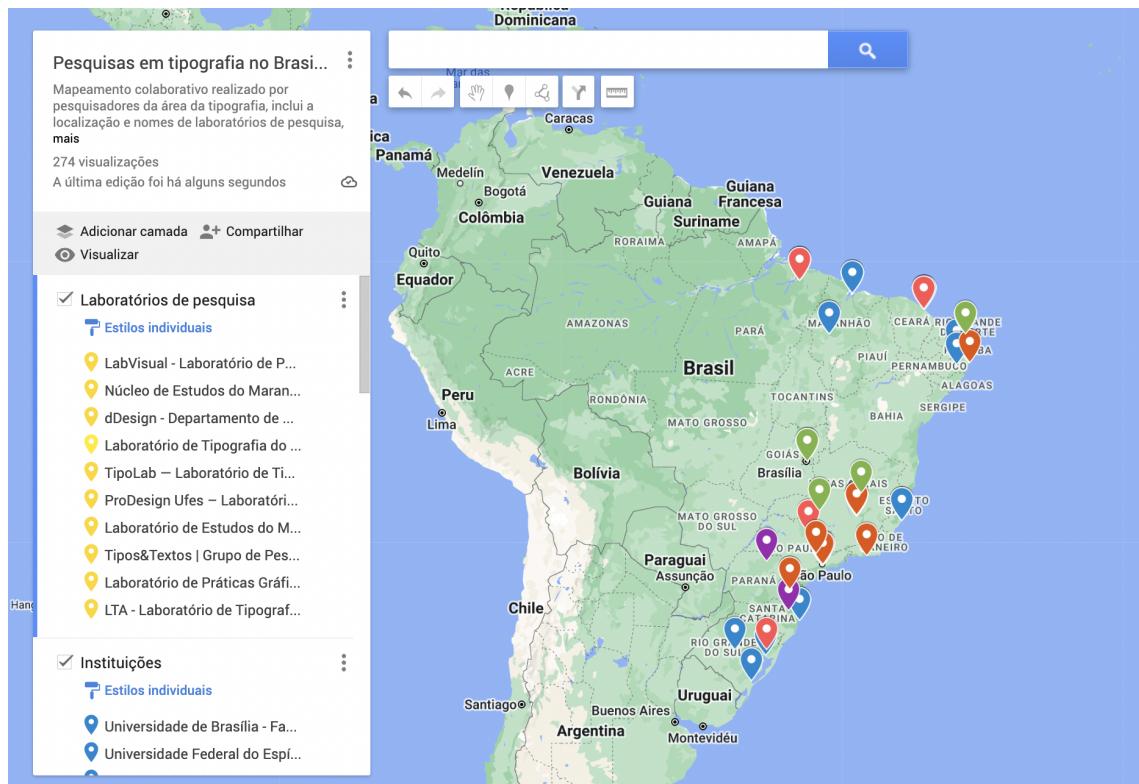


Figura 2: Detalhe do mapeamento das pesquisas e espaços dedicados à preservação e memória da tipografia no Brasil. Imagem de novembro de 2022.

Dezenove instituições foram levantadas neste mapeamento, que inclui universidades federais, estaduais e privadas em onze estados brasileiros. Nestas universidades, dez laboratórios de pesquisa que concentram pesquisadores da área de tipografia foram mapeados. Treze pesquisadores independentes participaram da conversação e foram inseridos no mapeamento em oito estados brasileiros, incluindo egressos acadêmicos de cursos de mestrado e doutorado, líderes de oficinas tipográficas e coletivos de impressores.

Dez oficinas tipográficas foram mapeadas, incluindo oficinas vinculadas a universidades e independentes, localizadas nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, estão a Tipografia do Zé, Tipografia Matias e a 62 Pontos Espaço Gráfico; São Paulo, capital, concentra as oficinas Parquinho Gráfico, Oficina Tipográfica São Paulo, Oficina Tipográfica Senac e o Laboratório de Práticas Gráficas na FAU USP; no Paraná estão a Tipografia Gapski, em Curitiba, e o Grafatório, em Londrina; e, em Santa Catarina, a Oficina Tipográfica Papel do Mato, na cidade de Rodeio.

Quatro espaços expositivos foram inseridos ao mapa, como os museus da imprensa, no Rio Grande do Norte e em Brasília; o Museu Tipografia Pão De Santo Antônio –o único dedicado exclusivamente à tipografia no país–, em Diamantina, Minas Gerais; e o Memorial Mauricio Rosa, em Araxá, Minas Gerais, um acervo particular dedicado à escrita e à imprensa.

Este mapeamento aponta a localização desses pesquisadores e espaços de discussão e memória da tipografia brasileira e poderá ser atualizado de forma contínua, permitindo uma visão integrada de todos e estimulando a participação de novos interessados no futuro.

A dinâmica da conversação on-line via plataforma Google Meets incluiu o recurso de lousa interativa, com algumas informações sobre a dinâmica da conversação, instruções quanto ao

mapeamento e telas que contaram com a colaboração dos participantes, inserindo e assinalando os temas de suas pesquisas e uma tela indicando interesses em possibilidades futuras de pesquisa e colaboração.

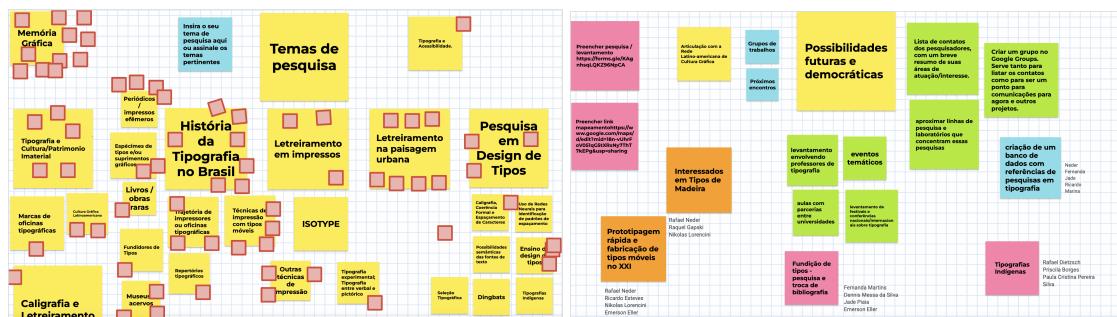


Figura 3: Detalhe das lousas interativas geradas durante a conversão.

A partir da interação com os participantes da conversão foi possível listar os temas apontados, partindo dos mais abrangentes para os mais específicos: memória gráfica; história da tipografia no Brasil; letreiramento na paisagem urbana; tipografia e cultura / patrimônio imaterial; periódicos e impressos efêmeros; técnicas de impressão com tipos móveis; ensino de design de tipos; pesquisa em design de tipos; trajetória de impressores ou oficinas tipográficas; letreiramento em impressos; museus e acervos; outras técnicas de impressão; cultura gráfica Latinoamericana; espécimes de tipos e/ou suprimentos gráficos; tipografia experimental/tipografia entre verbal e pictórica; tipografia e acessibilidade; repertórios tipográficos; fundidores de tipos; marcas de oficinas tipográficas; obras raras; caligrafia e letreiramento; seleção tipográfica; dingbats; tipografias indígenas; isotype; caligrafia, coerência formal e espaçamento de caracteres; uso de redes neurais para identificação de padrões de espaçamento.

6 Desdobramentos possíveis

A necessidade de se criar uma conexão entre esses pesquisadores estava em evidência na conversão. Conexão essa que permitiria agendamento de reuniões futuras para discussões sobre temas pontuais de pesquisa em profundidade, cuja plataforma para que isso aconteça está em discussão. Também foi apontada a necessidade tornar acessível os resultados de pesquisas envolvendo tipografia no Brasil.

Entre as possibilidades futuras e democráticas propostas pelos participantes, está a de criação de um grupo de trabalho e a geração de um repositório de pesquisas relacionadas ao tema. Foram mencionados os interesses em formação de grupos de pesquisas envolvendo prototipagem rápida e fabricação de tipos móveis no século XXI, pesquisas sobre fundição de tipos (pesquisa e troca de bibliografia), tipografias indígenas e interessados em tipos de madeira.

Sabe-se que o número de pesquisadores, instituições, laboratórios, oficinas e espaços expositivos pode ser bem maior do que o que foi obtido até então. Este levantamento pode ser ampliado à medida em que os interessados entrem em contato através do e-mail <redetipografia@gmail.com>, ou diretamente com as autoras deste relatório.

7 Referências

FARIAS, Priscila L. **Estudos sobre tipografia**: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas. 2016. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo.

GOMES, Ricardo Esteves. **O design brasileiros de tipos digitais**: elementos que se articulam na formação de uma prática profissional. 2010. 211f. Dissertação (mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

Proponentes

Jade Samara Piaia, Doutora, pesquisadora de pós-doutorado no LabVisual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, vinculada ao grupo de pesquisa História, Teoria e Linguagens do Design, na linha de pesquisa História, teoria e crítica do design visual.

Curriculum Lattes <<http://lattes.cnpq.br/3875761760830296>>,
ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-0191-5141>>.

Priscila Lena Farias, Doutora, professora associada, bolsista PQ CNPq, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design e do LabVisual da FAU USP, líder do grupo de pesquisa História, Teoria e Linguagens do Design.

Curriculum Lattes <<http://lattes.cnpq.br/7204930940034076>>,
ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-2540-770X>>.

Fernanda de Oliveira Martins, Doutora, pesquisadora independente, vinculada aos Grupos de Pesquisa Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX - FCRB e ao grupo MEMORÁVEIS: manifestações gráficas afetivas - UFPE.

Curriculum Lattes <<http://lattes.cnpq.br/3156546043051009>>,
ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-5462-5741>>.

Edna Cunha Lima, Doutora, Pós-doutoranda Sênior no Laboratório de Práticas Gráficas na Universidade Federal de Pernambuco.

Curriculum Lattes <<http://lattes.cnpq.br/1250390991809042>>.